

Documento do Movimento Político pela Unidade

1. Apelo: A PAZ É A ÚNICA POSSIBILIDADE

2. Quatro pontos para reflexão: RUMO A UM NOVO HORIZONTE POLÍTICO

O Movimento Político pela Unidade, uma rede internacional de políticos, acadêmicos e cidadãos ativos de 22 países em 5 continentes, diante dos terríveis conflitos desta época, une-se às milhares de vozes de todos os povos na afirmação do direito à paz, na busca de uma solução conjunta e justa que se origina do diálogo e pede: guerra nunca mais.

*Pedimos aos governos e líderes políticos de todo o mundo, bem como às organizações internacionais multilaterais, que **condenem todos os atos de terrorismo e reconheçam o fracasso da violência como forma de resolução de conflitos.** Instamos os cidadãos de todas as comunidades a agir em todas as esferas para **consolidar relações, instrumentos e processos de coexistência entre povos, religiões e culturas, com base no respeito à nossa diversidade.***

*A guerra não é um instrumento político. Em vez disso, reconhecemos como instrumentos de política apenas aqueles que "cuidam" da vida, por meio do **reconhecimento dos direitos humanos e dos povos, do diálogo e da diplomacia**, para a construção do presente e do futuro de nossa humanidade.*

1. Apelo: A PAZ É A ÚNICA POSSIBILIDADE

Não há mais guerra no mundo, não há mais crianças em guerra: através dos olhos de mães e pais, uma saída política para a paz

Diante da atual tragédia na Terra Santa, nós, políticos da Mppu, como parte da humanidade, sentimos que devemos pedir perdão às vítimas dessa e de todas as guerras em andamento por termos feito muito pouco na busca de soluções políticas pacíficas para os conflitos.

A violência desencadeada pelo ataque terrorista do Hamas e pela tomada de reféns, que condenamos veementemente, e a contraofensiva militar de Israel - devido à profundidade de suas raízes históricas e à ferocidade com que começou e está se desenvolvendo, devido a seus laços regionais e internacionais e devido à desfiguração que inflige a todos nós como humanidade - nos compele a este **APELO sincero, necessariamente estendido a todos os conflitos de hoje.**

Como Movimento Político pela Unidade - uma rede internacional de políticos, funcionários públicos, diplomatas, estudantes e pesquisadores, ativistas de partidos e da sociedade civil de 22 países em 5 continentes, comprometidos com a construção de um mundo mais fraterno, justo e igualitário - pretendemos **assumir apenas uma posição: a da paz, da reconciliação e da transformação ativa de conflitos. Fazemos** nossa contribuição com a força de uma **experiência contínua, em que a política está a serviço da unidade da família humana.**

O conflito no Oriente Médio mergulhou e continua a mergulhar populações civis inteiras, famílias com crianças, idosos, deficientes e doentes no sofrimento e - como todas as guerras do mundo - **arranca as próprias raízes da vida humana, atrasando a construção de toda a coexistência.**

Os cenários de guerra atuais são desencadeados por organizações e governos que abdicam do caminho da política e do consenso democrático para usar a violência e a opressão como meio de afirmar e aumentar seu poder.

De todas as latitudes, queremos gritar em uma só voz: PAZ! continuando a "cuidar da vida", mesmo em meio à violência, e clamando pelo direito à paz, a busca por soluções justas e concertadas que surgem do diálogo.

A sociedade civil é a protagonista desse caminho, vamos lhe dar força e ferramentas.

Estamos convencidos de que **a visão espiritual da vida** - que também vai além dos laços de filiação religiosa - **e as diversidades históricas e culturais** - que as instituições políticas não podem negar - **podem ser espaços de encontro e reconhecimento mútuo.** Pessoas e povos, temos igual dignidade: **queremos e podemos viver juntos**, encontrar soluções para nossos conflitos juntos.

É por isso que fazemos **um APELO:**

- **Aos governos e líderes políticos de todo o mundo:** apelamos à sua consciência para que **parem de usar a força e a guerra como ferramenta política**; o ódio e a eliminação do outro não são política, são barbárie. Do ponto de vista de mães e pais, a política tem o papel de cuidar de toda e qualquer criança, de valorizar a vida. Apelamos para a plena defesa internacional e para o trabalho conjunto em prol do direito à vida e à paz, **repudiando a guerra e a instrumentalização de povos e indivíduos, bem como** o uso da violência e da extorsão.

- **Às organizações internacionais multilaterais:** pedimos o máximo de comprometimento para **alcançar um cessar-fogo sem incertezas**, para vincular legalmente a implementação de medidas para parar a guerra, para **abrir canais de mediação para negociações de paz em todos os pontos de guerra no mundo**. Pedimos um foco predominante nas vítimas, por meio de corredores humanitários para proteger a população civil, as crianças, os idosos, as mulheres e todas as pessoas mais frágeis. Exigimos **o respeito ao direito internacional para a coexistência pacífica dos povos e o bem comum da comunidade internacional**.

- **A todos os cidadãos de todas as comunidades:** tomemos consciência de nossa responsabilidade de construir diariamente **uma cultura compartilhada de encontro e coexistência, de acolhimento e respeito mútuo**. Vamos dar voz às crianças e aos jovens, às mulheres da paz, às suas experiências e a uma nova narrativa que possa crescer e dar esperança, derrotar o medo e o ódio.

Pedimos a todos que não admitam justificativas para a violência, que reconheçam seu fracasso como forma de resolução de conflitos e que abram caminhos de transformação baseados no cuidado com a vida humana, com cada vida.

Queremos reconhecer como ferramentas da política apenas o diálogo, a diplomacia e o reconhecimento dos direitos humanos e dos povos para a construção do presente e do futuro de nossa humanidade. A única ação política que nos representa é aquela que se torna "mãe" mesmo quando o horizonte parece fechado: retoma a palavra, começa a tecer redes para alcançar a coexistência pacífica e fraterna, à qual todos aspiramos.

8 de novembro de 2023

2. Quatro pontos para reflexão: RUMO A UM NOVO HORIZONTE POLÍTICO

Conhecer as origens e as causas dos conflitos, os temas e os contextos atuais, as condições e as interações internacionais, as perspectivas... Uma operação árdua, mas necessária, toda vez que um conflito dilacera a história, porque, enquanto pedimos isso às instituições, um passo essencial também é exigido de nós: abrir-nos ao diálogo, afastar-nos das avaliações partidárias, desarmar nosso pensamento, antes de tudo, para explorar novos territórios.

Nenhuma guerra traz o bem: para construir a paz, cada homem e mulher na política coloca diante de si um novo horizonte de pensamento e ação.

Propomos **quatro caminhos**.

1) Em nome da nossa humanidade comum: a violência no conflito israelense-palestino, e em outros pontos de guerra no planeta, como na Ucrânia, mostra níveis de crueldade que necessariamente exigem que vamos **à raiz**. Nosso olhar deve reconhecer, antes de qualquer outro dado, **a vida das mães e dos pais, das crianças que estão quebradas, dos homens e das mulheres, seres humanos como nós, que passam por sofrimentos injustificáveis**. Indo além das identidades religiosas, nacionais ou políticas, que a história muitas vezes enrijeceu, é necessário repensar a política por meio da própria experiência da maternidade, da paternidade, da filiação e da amizade. São esses vínculos essenciais, essas formas sociais originais, que nos levam a respeitar toda vida humana. **A política tem como tarefa essencial cuidar da sociedade e da casa comum:** colocar-nos ao lado das mães e dos pais, dos filhos e das filhas, dos irmãos e das irmãs nos levará além dos limites que hoje parecem intransponíveis. Valorizar, por exemplo, os caminhos de paz de longa data entre mães, pais e líderes religiosos do povo palestino e do povo israelense, que há muito sofrem e agem juntos. Como para todo povo, é um vínculo profundo que une o povo palestino ao seu território; razões diferentes e igualmente profundas se aplicam aos israelenses. No entanto, **ambos os povos demonstraram que estão dispostos e são capazes de moldar uma coexistência real**. É dever de seus governos ouvi-los.

2) A voz das mulheres e a cultura do cuidado: não queremos nos conformar com os cenários atuais de poder comandados por homens que manejam armas de todas as capacidades destrutivas, onde o ataque e a defesa não têm medida. Inúmeros trechos da história da humanidade foram capazes de indicar **caminhos diferentes, nos quais as mulheres** capazes de sair das estruturas tradicionais **são frequentemente as protagonistas**.

Por que não se concentrar em outras ferramentas, outras linguagens e metodologias, em tópicos que até agora permaneceram invisíveis na esfera pública, de modo a abrir e trilhar novos caminhos? Precisamos, mais do que nunca, da **contribuição do "gênio feminino", de "alianças de iguais" entre mulheres e homens agindo juntos**, para atingir a raiz da violência que emerge. Apelamos às mulheres e à sua cultura de cuidado e reconhecimento, de fala e encontro, uma cultura que atravessou os séculos, para injetar nova energia, novas razões para a paz, no corpo social. **Precisamos ouvir a voz das mulheres para gerar paz.**

3) A guerra não pode ser um instrumento político: reconhecemos o fracasso da violência armada na resolução de conflitos. Os tempos exigem isso com urgência: **a política repudia a guerra para elaborar e adotar novas normas, novos instrumentos e processos capazes de transformar conflitos de forma não violenta**. É hora de deixar para trás as formas primitivas e fracassadas de relacionamento entre as pessoas, entre os povos. A atual abordagem de guerra está levando a um grave desequilíbrio que põe em risco a sustentabilidade da vida humana no planeta; **a enorme quantidade de recursos investidos na guerra significa a perda de recursos fundamentais a serem investidos para o presente e o futuro da humanidade**.

Levar a sério o "não" à guerra significa **começar com uma análise radical dos modelos econômicos** que - em vez de agir para reduzir as desigualdades inaceitáveis que estão na raiz de tanta violência entre os povos - continuam a multiplicar a produção de armas que alimentam conflitos horríveis. Quando a economia mata, **os interesses por trás da hipocrisia do mercado de armas devem ser desmascarados, para uma reconversão integral da produção e das finanças**.

4) A paz como direito - a paz como política: em nome do direito à paz de todos os povos, não hesitamos em apoiar os exigentes processos de reconciliação, as práticas de convivência, mesmo que iniciais, entre os povos afetados por conflitos armados. Porque não basta depor as armas: somente um contexto de justiça, desenvolvimento e compartilhamento pode apoiar a jornada dos povos rumo à paz, que não pode ser construída ignorando os povos vizinhos.

É necessário **semear uma cultura política fraterna que ultrapasse as fronteiras nacionais** e promova a amizade entre os povos, para chegar a "**amar a pátria alheia como a própria**", um programa profético de política internacional indicado por Chiara Lubich^{1*}.

Temos o compromisso de implementar **não apenas políticas de paz**, para alcançar condições de estabilização após conflitos, mas **a paz como política**: isso significa **analisar todas as políticas** - sociais ou econômicas, culturais e migratórias - **sob a perspectiva da paz**. O objetivo não pode se limitar ao fim dos conflitos; em nossas mãos estão, **antes de tudo, as condições para que um conflito não exploda em formas violentas**.

Como Movimento Político pela Unidade, pretendemos nos esforçar ao máximo para criar, com aqueles que compartilham esse objetivo, um movimento cultural semelhante ao que levou à abolição da escravidão no passado. A guerra não é inevitável.

Se a guerra marcou nosso passado e marca este presente doloroso, isso não significa que ela deva fazer parte do futuro. E quantas vezes as "utopias" apontaram para possibilidades inexploradas, guiaram processos de humanização e abriram novos horizontes que se tornaram um bem comum para as novas gerações, para toda a humanidade.

Os mais de 170 conflitos em andamento no momento e suas consequências, desde o Oriente Médio até a Ucrânia, o Sudão do Sul, a República Democrática do Congo, a Colômbia... deixam clara a **futilidade da guerra como meio de resolução de conflitos**. Pedimos uma interrupção.

8 de novembro de 2023



Javier Baquero Maldonado

Presidente



Reka Szemerkenyi

Copresidente



Amelia Lopez

Secretária Geral

seguido de assinaturas de: CENTRO INTERNACIONAL, COMITÊ CIENTÍFICO, PRESIDENTES DE CENTROS REGIONAIS E NACIONAIS, REFERENTES LOCAIS DA REDE MPPU NO MUNDO

Esther Wanjiru Kaburu

Centro Internacional do Quênia - Mppu

Christopher Jiménez Estrada

México-Centro Internacional Mppu

Rafaela Brito

Brasil-Centro Internacional Mppu

Giuseppe Dipietro

Itália-Centro Internacional Mppu

Espírito de Oderda

Itália-Centro Internacional Mppu

Giovanni Pierro Malitao Jr.

Filipinas-Intl. Mppu

¹Chiara Lubich, que recebeu o "Prêmio de Educação para a Paz" da Unesco em 1996, usou essa expressão em seu discurso *O espírito de fraternidade na política como chave para a unidade da Europa e do mundo*, proferido em Innsbruck em 9 de novembro de 2001, por ocasião da Conferência das Mil Cidades para a Europa.

Mario Bruno	Itália-Centro Internacional Mppu
Cristina Calvo	Argentina-Centro Internacional Mppu
Maria Bencivenni	Itália-Centro Internacional e Mppu
Daniela Ropelato	IU Sophia - Coordenador do Comitê Científico Mppu
Luis Eugenio Scarpino Jr,	Comitê Científico Brasil-Mppu
Prisca Maharavo	Comitê Científico Madagascar-Mppu
Annette Balaoing	Comitê Científico Filipinas/Holanda - Mppu
J. Miguel Aguado	Mppu Europa Centre
Tezra Furaha	Centro Mppu África
Guillermo Castillo	Secretário Geral da Mppu América Latina
Argia Valeria Albanese	Mppu Itália - Presidente
Ivanna Sant' Ana Torres	Mppu Brasil - Presidente
Irene Duffar	Mppu Argentina - Presidente
Miguel de Jesús Niño Sandoval	Mppu Colômbia - Presidente
Alberto Scaravelli	Mppu Uruguai -Presidente
Manuel Enrique Duarte Mongelós	Mppu Paraguai
Cesar Guzman	Mppu Peru
Gabriel Pineda	Mppu Venezuela
Jeong-Woo Kil	Mppu Coreia do Sul - Presidente
Dieudonné Upira	Mppu República Democrática do Congo
Jean Marie Vianney Ndoricimpa	Mppu Burundi
Castor Mfugal	Mppu Tanzânia
Michel Batt	Mppu França
Illes Brunhilde Hertwich	Mppu Alemanha
Juan Fernandez Robles	Mppu Espanha - Presidente
Mihály Berndt	Mppu Hungary-Presidente
Michelle Grandjean Böhm	Mppu Suíça
Michal Siewniak	Mppu Reino Unido
Catarina Bezerra	Inovação política - Mppu intl. Centro
Jorge Jimenez	Secretaria executiva - Mppu intl. Centro
Francesco Mazzarella	Comunicações - Mppu intl. Centro